

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade

A TEORIA NEOCLASSICA E A VALORAÇÃO AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO DA MERCUR

THEORY AND NEOCLASSICAL ENVIRONMENTAL ASSESSMENT: A CASE STUDY OF MERCUR

Marlize CargneluttiTiecker, Berenice Beatriz Rossner Wbatuba e Ronaldo Leão de Miranda

RESUMO

O artigo trata de analisar um caso empírico de uma empresa de borracha na cidade de Santa Cruz do Sul (RS) a Mercur, relacionadas com as definições de alguns autores que contemplam a teoria neoclássica e a valorização ambiental. Trata de uma empresa familiar referência no segmento de material escolar e de escritório, no qual consagrou a imagem de sua borracha estampada com o deus Mercúrio no inconsciente coletivo de várias gerações de estudantes. Nos termos de Schweitzer, 1990 apud Romero (1999), pg.24 A valorização ambiental é essencial, se pretende que a degradação da grande maioria dos recursos naturais seja interrompida antes que ultrapasse o limite da irreversibilidade. Para Cavalcanti (2001) O impacto no setor industrial na deterioração ambiental é significativo ainda que se tenha reduzido nos últimos vinte anos. É neste contexto que a preocupação com os problemas ambientais é um elemento importante para a empresa Mercur. A empresa 100% sustentável vem causando grandes mudanças na empresa, com grande foco no meio ambiente, reduzindo a poluição e agressão causada ao meio ambiente. Todo produto que é lançado no mercado passa por rígidas vistorias. É neste olhar e também de outros autores que objetiva este artigo.

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável, Sustentabilidade, Sistema econômico e Meio ambiente, Valoração ambiental.

ABSTRACT

The article comes to analyzing an empirical case of a rubber company in Santa Cruz do Sul (RS) to Mercur, related to the definitions of some authors that consider the neoclassical theory and environmental valuation. Is a family business reference in school and office supplies segment, in which consecrated the image of your rubber stamped with the god Mercury in the collective unconscious of several generations of students. According to Schweitzer, 1990 apud Romero (1999), pg.24 The environmental valuation is essential if you want the degradation of most natural resources is interrupted before it exceeds the threshold of irreversibility. To Cavalcanti (2001) The impact on the industry in environmental deterioration is significant although it has decreased in the last twenty years. It is in this context that the concern for environmental issues is an important element for the company Mercur. The company is 100% sustainable causing major changes in the company, with a strong focus on the environment by reducing pollution and aggression caused to the environment. Every product is launched in the market undergoes strict inspections. Is this look and also by other authors that aims this article.

Keywords: Sustainable Development, Sustainability, Economic System and Environment, Environmental valuation.

1. Introdução

São diversos os entendimentos e discussões de vários autores que se referem aos termos teoria neoclássica e valoração ambiental, segundo TOLMASQUIM (1995), no que diz respeito às questões microeconômicas, a teoria neoclássica se consolidou como modelo dominante. Sua base teórica aplicada aos problemas ambientais constitui uma especialidade, “economia do meio ambiente”. p. 323 A análise neoclássica centra sobre o problema da alocação ótima de recursos, para ela o sistema de mercado determina um equilíbrio único e estável. A análise econômica neoclássica se esforça para confiar ao mercado à resolução dos problemas ambientais.

Neste contexto que analisando a empresa Mercur fundada em Santa Cruz do Sul (RS), Em 1924, começando sua trajetória ainda muito pequena, com fábrica de produtos à base de borracha, como pneus. Com o tempo, as coisas foram mudando, a empresa foi crescendo e se expandindo, começando a investir em outros materiais, como plástico, produtos de fisioterapia, bengalas, voltados para a saúde como bolas de exercício, luvas, bolsas térmicas, muletas, colares cervicais, imobilizadores etc. a Mercur que começou sua trajetória com produtos derivados da borracha, é hoje uma das marcas mais tradicionais do Brasil principalmente no segmento de material escolar e de escritório – no qual consagrou a imagem de sua borracha estampada com o deus Mercúrio no inconsciente coletivo de várias gerações de alunos. Empregadora direta de cerca de 550 colaboradores, a Mercur detém um portfólio de mais de 1,5 mil itens de educação e produtos para prática esportiva e saúde. A companhia também atua na área industrial com soluções customizadas, disponibilizando lençóis de borracha, correias atóxicas e peças técnicas, bem como pisos especiais e revestimentos.

Hoje, a Mercur é uma grande empresa, usada como referência no país e fora dele, para onde exporta produtos.

Nos sessenta anos que se passaram desde a fundação da Mercur, na década de vinte, até fundação da Plásticos Mercur ,na década de sessenta, a empresa teve um crescimento muito grande, graças às inovações trazidas da Europa para Santa Cruz do Sul pelo co-fundador Jorge Emílio Hoelzel, que carrega o mesmo nome do atual presidente. Uma vez que a Plásticos Mercur foi lançada e alcançou sucesso, outra ramificação foi criada: a Metalplas Artefatos Esportivos Ltda, a qual era responsável pela área de fabricação de produtos esportivos da empresa, como raquetes.

Até chegar o ano em que a empresa decidiu por fundir todas as ramificações em uma só, surgindo a Mercur S/A, a Mercur chegou a investir em agropecuárias, roupas e até em reflorestamento, mostrando a consciência ambiental. Após ser fundida, a empresa focou em alguns segmentos, como escolar, saúde e revestimentos.

Percebe-se que há grande compromisso da empresa pelas questões ambientais, sustentabilidade. Jorge Hotzel Neto segundo ele, “Preservamos para Sustentabilidade” é o termo para sustentabilidade, precisa preservar enquanto você esta atuando e não depois que já atuou e já sujou tudo aí não adianta mais recolher o lixo então é preferível agente prevenir e cuidar do impacto enquanto agente tá atuando”.

O objetivo deste artigo é apresentar bases teóricas que possibilitem buscar nos conceitos da teoria neoclássica e a valoração ambiental, reflexões que possam servir de ferramentas no intuito de contribuir para a gestão de sustentabilidade á outras empresas.

O artigo está subdividido basicamente em três seções. A primeira seção, uma breve introdução. Na segunda uma discussão teórica de autores entre outros citados em aula mais precisamente na disciplina de meio ambiente e desenvolvimento, focalizando algumas considerações citadas pelos sócios da empresa. Na segunda seção as considerações finais voltados para olhar do estudo de caso.

2. Referencial teórico

Antes de analisar o caso empírico da Mercur, se faz necessário apresentar alguns aspectos teóricos.

2.1. Teoria Neoclássica e a Valoração Ambiental

Segundo MARQUES E COMUNE (1999) apud. Romero economistas vem procurado desenvolver conceitos, métodos e técnicas que objetivam calcular os valores econômicos detidos pelo ambiente. Destaca-se; a economia do meio ambiente e dos recursos naturais, que repousa nos fundamentos da teoria neoclássica a economia ecológica que se apóia nas leis da termodinâmica e procura valorar os recursos ecológicos com base nos fluxos de energia líquida dos ecossistemas e finalmente, a economia institucionalista que procura abordar a questão em termos dos custos de transação incorridos pelos elementos (instituições, comunidades, agencias, públicos em geral) do ecossistema na busca de uma determinada qualidade ambiental.

A teoria econômica ambiental neoclássica influi no direito ambiental, não apenas na busca da efetivação da preservação do meio ambiente natural conjugada com a garantia do desenvolvimento econômico, mas, também, na busca da valoração dos bens e serviços ambientais apresentando critérios e métodos que podem ser aplicados nas ações condenatórias difusas por danos ao ambiente natural.

O desenvolvimento teórico mais importante e necessário para o aprimoramento do instrumento neoclássico relaciona-se ao problema da revelação das preferencias e das estimativas e dos danos e dos benefícios do domínio do meio ambiente. Considerável progresso vem sendo obtidos nos últimos anos, mas ainda restam muitos objetivos a serem alcançados.

Se no passado a economia dedicou à utilização do meio ambiente, sem se preocupar com a degradação e com a exaustão de seus recursos, atualmente parece ser o meio ambiente que deve condicionar a economia. Se a degradação ambiental continuar a avançar no ritmo acelerado e o processo não se alterar é provável que o homem se veja obrigado a viver em ambientes cada vez mais poluídos e perigosos a sua própria sobrevivência.

Ainda MARQUES E COMUNE (1999) A necessidade de conceituar o valor econômico do meio ambiente, bem como de desenvolver técnicas para estimar este valor, surge, basicamente, do fato incontestável de que a maioria dos bens e serviços ambientais e das funções providas ao homem pelo ambiente não é transacionada pelo mercado. Pode-se, inclusive, ponderar que a necessidade de estimar valores para os ativos ambientais atende às necessidades da adoção de medidas que visem a utilização sustentável do recurso.

A valoração ambiental é uma ferramenta para o dialogo entre as empresas e os ambientalistas, pois se atribuindo valores a recursos naturais consegue-se demonstrar qual seria o prejuízo financeiro de uma devastação ambiental e prova-se que, em alguns casos é melhor economicamente manter um ambiente preservado, pois degradá-lo iria causar prejuízo a longo prazo.

2.2. Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável

A palavra prove do latim sustentare; sustentar, defender favorecer, apoiar, conservar e cuidar. A partir doas não 60 que começou a debater com mais intensidade em função de problema ambiental observado pelo impacto do crescimento econômico nos anos anteriores. Porém somente nos anos 70 a consciência ambiental começa a se expandir. Movimentos ambientalistas foram criados, e a forma como desenvolvimento das nações e do meio empresarial estava acontecendo começou a ser questionada. Historicamente o primeiro passo

concreto no sentido de debater amplamente esse problema foi dado pela conferência das Nações Unidas sobre o meio Ambiente Humano realizada em Estocolmo em 1972 com a presença de representantes de 113 países, que lançou as bases das nações ambientais em nível mundial, chamando a atenção internacional especialmente para as questões relacionadas com a degradação ambiental e a poluição fundindo os conceitos de eco desenvolvimento, substituído posteriormente

Sachs (2000) estabelece cinco dimensões principais da sustentabilidade, a serem consideradas quanto ao planejamento do desenvolvimento: sustentabilidade social, econômica, ecológica, geográfica e cultural.

a) sustentabilidade social: a construção de uma civilização que permita uma distribuição

mais equitativa da riqueza é o principal objetivo da sustentabilidade social, ou seja, reduzir as diferenças sociais;

b) sustentabilidade econômica: melhor alocação dos recursos e uma gestão eficiente por um fluxo regular do investimento público e privado. A eficiência econômica deve ser medida com o equilíbrio macrossocial e não com a lucratividade microempresarial;

c) sustentabilidade ecológica: é destinada ao uso consciente dos recursos esgotáveis e sua substituição por recursos renováveis, usar de forma limitada os ecossistemas e minimizar sua deterioração. Promover técnicas de produção limpa, racionalizar o consumo, preservar fontes de recursos naturais e energéticos, criar programas de proteção ambiental;

d) sustentabilidade espacial/geográfica: entende-se como evitar a concentração geográfica de populações, de atividade e de poder. Buscar um equilíbrio rural-urbano que possibilite sustentabilidade espacial;

e) sustentabilidade cultural: defesa dos processos que respeitem cada ecossistema, de cada cultura, de cada local, promovendo soluções e valorização das diferentes cu

O desenvolvimento sustentável traz embutida na ideia de eficiência econômica eficiência social e ambiental, “que significa melhoria da qualidade de vida das populações atuais sem comprometer as possibilidades das próximas gerações.”¹² Este princípio, ainda traduz “o conhecimento de que os recursos naturais não são inesgotáveis” e a impossibilidade de um completo desenvolvimento “se os caminhos trilhados para sua consecução desprezarem um sistema de exploração racional e equilibrada do meio ambiente.”¹³

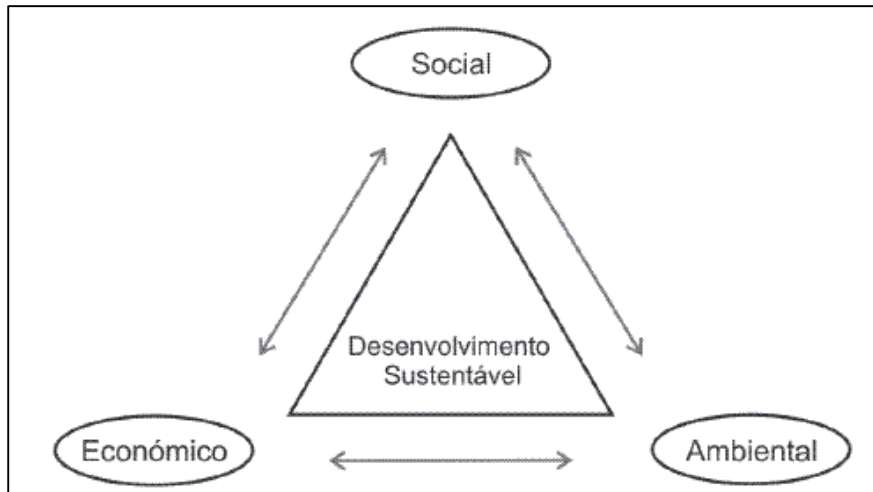
Desta análise, afirma-se que o desenvolvimento sustentável fundamenta-se em três pilares: “sustentabilidade econômica, social e ambiental.”

As três dimensões de sustentabilidade se identificam com o conceito de Triple Bottom Line

Essa expressão surgiu na década de 90. O seu uso em corporações de todo o mundo, que reflete um conjunto de valores, objetivos e processos que uma organização deve focar para criar valor em três dimensões: econômica, social e ambiental. O Triple Bottom Line é também conhecido como os 3 Ps (Pessoas, Planeta e Lucro) (Dias 2011, p 46).

O conceito de Triple Bottom Line pode ser visualizado na imagem que segue abaixo:

Figura 1. Equilíbrio dinâmico da sustentabilidade



Fonte: Dias (2011)

Conceituando uma proposta de reflexão de que os desenvolvimentos das empresas devem ser baseados no lucro e melhorias internas, e relaciona o seu desenvolvimento com a sociedade e o meio ambiente.

2.1.2 Indicador de sustentabilidade

Segundo Pearce, considera não apenas o "capital natural", como no caso de El Serafy, mas também o capital produzido pelo homem (ou meios de produção produzidos). Na visão de Pearce, é que não diminua o estoque total de capital. Deste modo, uma diminuição do capital natural pode estar sendo compensada por aumento nos meios de produção feitas pelo homem, o que garantia a sustentabilidade do processo .

Para Pearce, portanto, um a economia é sustentável se a participação de poupança na rede nacional, ou nível de poupança (S), que possibilita os investimento for maio ou pelo menos a soma de depreciações do "capital natural" (N) e do capital feitos pelos homens (K). Pode-se escrever a seguinte equação de sustentabilidade, interpretando o pensamento de Pearce:

$$S > N + K \text{ (condição de sustentabilidade).}$$

A sustentabilidade que considera o desgaste do capital natural sendo compensado feito pelo homem é, segundo Martínéz-Alier(1995), uma sustentabilidade fraca, contrapondo-se ao conceito de sustentabilidade no sentido forte da palavra, a qual busca compensar exclusivamente o desgaste ambiental. Com base n conceito de sustentabilidade fraca, Pearce apresenta resultados empíricos em que considera um grupo de países de acordo com o índices de sustentabilidade (IS).

O índice de sustentabilidade é calculado da seguinte foram:

$$IS = S - (N + K),$$

Na qual S é a participação da poupança na renda nacional; N, a depreciação do capital natural, em % da renda; e K, a depreciação do capital feito pelos homens, em % da renda.

São tidos como "altamente sustentáveis" os países com IS superior a zero; "apenas sustentáveis" os que apresentam IS igual a zero; e "insustentáveis" os que registram IS negativo, isto é, inferior a zero. A tabela quatro edificação a aplicação feita pro Pearce.

O resultado parece indicar as economia mais ricas seriam sempre mais sustentáveis que as pobres.

2.1.3 Indicador de sustentabilidade da economia ecológica

Economia ecológicas consideram a sua vertente da economia ambiental como ‘a ciência da gestão da sustentabilidade’(MARTINEZ-ALIER4,1995,P.h3,1) A questão que se coloca, segundo esta visão, é a de como conseguir incrementar a produção mantendo a capacidade de produção sustentável. Para a economia ecológica, o estado de sustentabilidade socioambiental de uma economia deve ser estimado através de indicadores biofísicos, que incorporem considerações acerca da distribuição ecológica. Não existe, para esta corrente ambientalistas, um indicador único neste sentido que dispense todos os demais: seria incorreto reduzir a um só parâmetro, como faz a economia neoclássica com um indicador monetário. Distribuição ecológica significa a alocação social espacial e temporal no uso, pelos humanos, dos recursos e serviços ambientais; portanto tem-se, aqui, ingredientes que complexificam a questão da sustentabilidade para uma sociedade considerada.

Argumentam economistas ecológicos que a sustentabilidade de uma comunidade não pode ser vista isolando-a de suas relações externas; Há que se considerar o espaço ambiental. O espaço ambiental, a saber, a área geográfica na qual uma determinada economia se abastece de recursos e onde evacua suas emissões deve ser tomado como a referencia para definição da sustentabilidade.

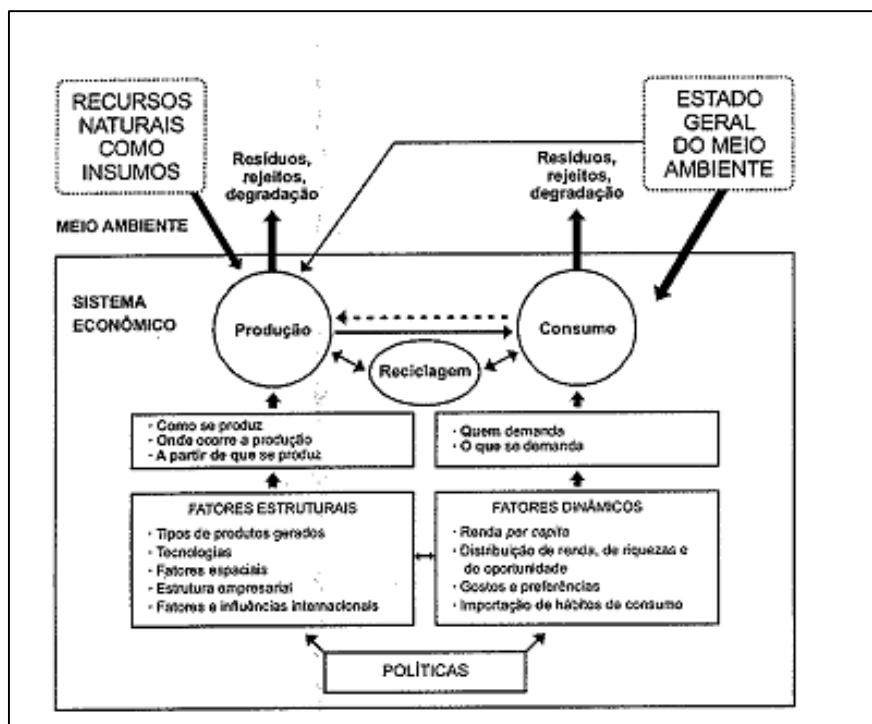
A sustentabilidade deve ser do espaço ambiental e não do país ou região tomado isoladamente. Esta é uma noção plenamente aceita também pela empresa Mercur parte, correspondendo á dimensão de equidade internacional do conceito de desenvolvimento sustentável.

No entanto para a Mercur este conceito é essencial na avaliação de sustentabilidade, pois a Segundo o diretor .Jorge Hotzel Neto

Atuamos em mercados éticos que valoriza a vida significa dizer que agente não quer mais participar daquela atividade que precisa se legitimar, garantir economicamente a partir ou em função de vícios ou de qualquer outra inequidade sócio ambiental, agente não quer fazer parte de negócio que não tem valorização da vida. Unir pessoas e organizações para criar soluções sustentáveis.

3. Estilos de Desenvolvimento e Meio Ambiente

Figura 2. Relações entre o sistema econômico e o meio ambiente.



Fonte: Muller (2012)

Segundo Muller(2012) P.36apresenta na figura 2,as características do sistema produtivo da economia são determinadas pela natureza dos produtos que a sociedade demanda, pelas tecnologias disponíveis, pela estrutura empresarial, por fatores de ordem espacial e (com muito peso na era da globalização por influencias internacionais. Todos estes configuram os fatores estruturais do estilo de desenvolvimento.

Se os elementos estruturais do estilo de desenvolvimento são afetados pelos fatores dinâmicos, estes também sofrem o impacto da conformação e das mudanças nos elementos estruturais, num complexo processo de influencia mútua é preciso ter em mente que do sistema produtivos emanam não apenas os bens e os serviços demandados, mas também a renda, que é apropriada por diferentes segmentos da sociedade. Assim, no longo prazo, mudanças na estrutura produtiva podem alternar a distribuição de renda e de riqueza da economia alternando seus fatores dinâmicos; e tais mudanças tendem a repercutir sobre a conformação da estrutura produtiva.

Observa-se, ademais, que políticas publicas podem afetar tanto os fatores e dinâmicos (alterando, por exemplo, a distribuição da rena), como os fatores estruturais (por exemplo, facilitando a importação de tecnologias, ou “abrindo” a economia para o exterior).

Ainda a figura 2 representa o sistema econômico em um dado momento. Como já se identificou, porém, ao longo do tempo a situação tende a se modificar. O funcionamento do sistema produtivo pode, por exemplo, alternar a distribuição de renda, afetando os montantes demandados e a composição da demanda; e essas mudanças requerem ajustes na estrutura produtiva. As políticas públicas também atuam ao longo do tempo, provocando alterações nos fatores dinâmicos e nos estruturais. Entretanto, exceto em caso de alterações radical na estrutura da sociedade (por exemplo, a provocada por

uma revolução)e as mudanças do lado dos fatores dinâmicos e dos fatores estruturais tendem a ser lentas, graduais.

Mas o sistema econômico-considerado um organismo vivo e complexo- não atua em isoladamente. Ele interage com o meio ambiente, do qual extrai recursos naturais fundamentais e no qual despeja dejetos. Além disso, o sistema econômico funciona num

espaço geográfico; e suas incursões nesse espaço tendem a alterá-lo consideravelmente. O estilo de desenvolvimento tem, assim muito a ver com os impactos ambientais emanados do sistema econômico.

Determinado as quantidades e os tipos de bens e serviços a serem produzidos e consumidos, bem como a organização da produção e as tecnologias que esta empresa, afeta tanto a extração de recursos energéticos e naturais do meio ambiente e a incursões sobre o espaço. É assim, um fator importante na determinação da degradação que o sistema econômico impõe sobre o meio ambiente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valoração ambiental é uma importante ferramenta de gestão ambiental. Porem neste caso empírico o objetivo não foi de aplicação pratica de técnicas de valoração ambiental da Mercur S\A, mas para uma breve reflexão do conceito na visão e alguns autores e também do olhar dos sócios empresa quanto a valoração ambiental, sustentabilidade e preservação ambiental.

Porem o crescimento econômico e a preservação ambiental parece ser vistos como contradições pelo fato da industrialização e da urbanização gerar impacto negativo sobre os recursos naturais, seja no que se refere à utilização dos recursos exauríveis, seja na poluição gerada pelo setor industrial que causa degradação ambiental.

Para que uma sociedade seja sustentável, é necessário haver a integração do desenvolvimento com a conservação ambiental. O desenvolvimento sustentável significa melhoria da qualidade de vida das populações atuais sem comprometer as possibilidades das próximas gerações. Desta análise, afirma-se que o desenvolvimento sustentável fundamenta-se em três pilares: “sustentabilidade econômica, social e ambiental.” Destaca-se ainda que o que o crescimento econômico traz benefícios para trabalhadores, empresários, para o Estado e para os consumidores, razão pela qual o exercício de atividades potencialmente poluidoras deve estar em consonância com as normas de direito ambiental.

Neste contexto que Mercur S\A tem apresentado soluções sustentáveis em várias questões seja na reciclagem de produtos ou bem estar do funcionário no intuito de procurar ser sempre comprometida com o desenvolvimento sustentável evoluindo positivamente na questão de sustentabilidade. Um dos compromissos assumidos pela empresa é a seguinte frase; “Unir pessoas e organizações pra criar soluções sustentáveis”.

No entanto o que está em jogo é o próprio direito das gerações futuras de terem um habitat que lhes permita existir.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, C. Condicionantes biofísicos da economia e suas implicações quanto à noção de desenvolvimento sustentável. In: ROMEIRO, A. R. et al. Economia do meio ambiente: teoria, políticas e a gestão de espaços regionais. Campinas :UNICAMP, 1996.

DIAS, Reinaldo. Gestão ambiental: responsabilidade social e responsabilidade .2 Ed. São Paulo. Atlas 2011) p 46).

MERCUR S\A, Homepage Institucional. Disponível em: <<http://www.mercur.com.br/>>. Acesso em 20 de junho 2014.

MUELLER Charles; Os economistas e as relações entre o sistema econômico e o meio ambiente Brasília Ed. Universidade de Brasília,2012.

ROMEIRO, ADEMAR; REYDON, BASTIAAN P. & LEONARDI, MARIA L. A.
“Apresentação”.In ROMEIRO, ADEMAR; REYDON, BASTIAAN P. &
LEONARDI,

MARIA L. A. Economia do Meio Ambiente: Teoria, Políticas e a Gestão de Espaços Regionais. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp, 1999.

PEARCE, D. W.; TURNER, R. K. Economics of natural resources and the environmental. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1991.

SACHS, I. Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir. São Paulo:Vértice, 1986.

SACHS, I. Estratégias de transição para o séculoXXI: desenvolvimento e meioambiente. São Paulo:Studio Nobel;
Fundação do Desenvolvimento Administrativo, 1993.

TOLMASQUIM, M. T. Economia do meio ambiente: forças e fraquezas. In:
CAVALCANTI, C. Desenvolvimento e natureza: estudo para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação JoaquimNabuco, 1995. cap. 17. p. 323-341.